

ao que o poeta nos impele e mais provoca:

*eu faço verso como quem
faz uma cama
de gato.*

mas sem dar cama e sem dar gato.

como é bonita a poesia que se apresenta visual sem querer ser. tem vários belos retratos da linguagem nas esquinas dos poemas. teje ligeire, pessoe. sapiência performativa. desenho na página, nas lacunas. poderia me ater a florear pra explicar como se dá na técnica. mas quem não pode, não carrega.

bonito mesmo são as palavras mais precisas pra se dizer quando o riscado é bem feito. se apresenta sem aparecer. ironicamente o livro tem pau de selfie, mas está mais interessado nas paisagens e em todas as mumunhas que, nas entrelinhas, são silenciadas. é aí que mora o perigo: um poeta que tenha nos olhos o tamanho da sua intensidade. e esse faz circular no sangue.

daniel minchoni



O que pode a poesia diante da alucinação pandêmica, sabendo ao mesmo tempo manter algum espaço ao largo do que ela põe na desordem do dia? Desde o poema que lhe dá título e bem além dele, o novo livro de Alex Simões tem o que dizer também sobre isso.

Sobretudo porque trata-se de um poeta que, a partir do seu “canto qualquer / do tamanho do mundo”, está sempre atento aos acontecimentos do entorno próximo e do distante – como se vê em seus livros anteriores ou nos escritos que ele costuma colher fotograficamente nas ruas. Mas que está igualmente ligado no mais íntimo que um poema alcança, na medida mesma em que é realizado. (...)

João Bandeira

ISBN: 978-65-992335-9-3



Realização:

paraLeLo13S



Apoio Financeiro:



alex simões

assim na terra como no selfie

paraLeLo13S

assim na terra como no selfie

alex simões

coleção
anêmona

paraLeLo13S

bonito. e ponto. antes de mais nada, é preciso o sincericídio pra se manter poeta. e não nos faltará coragem. parece pouco dizer isso, mas assim é se lhe parece. e as imagens têm sua força na beleza. mesmo as que parecem educação pela pedrada. assim, desejada, é o que é, linguagem desenfreada. sem exibição. nisso, alex simões é pokas. passeia pelo poema como quem performa, porque sabe que poeta tateia. traquejo de que arte se faz no abraço, entre os seus, no fundo do olho dos que nem tiveram escolha. é ao toque que encontra sua flecha, única, pra acertar o pássaro. ~~nem tudo se pode falar e no não dito, tudo lá.~~ mandinga velha e sempre navalha. não há lenço que proteja quando a palavra corta. certa. em estar errada. a meio mastro, bandeira tortura. pedra de sal no meio da corrente elétrica da imagem, a crueza. não são tempos simples. difícil manter o olhar romântico da infância, mas sempre faíscas permanecerão. pirotecnia. não à toa é mais amada a festa de são joão.

tenho no patuá um poema de natália de barros:

“UM ATO
a poesia é o pulo do gato
sem o pulo
sem o gato”

**assim na
terra como no
selfie**

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

© 2021 Alex Simões

Este livro segue as normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, adotado no Brasil em 2009.

Coordenação Editorial Milena Britto e Sarah Rebecca Kersley

Capa Maíra Martines (Três Design)

Projeto gráfico Julia Mota

1ª Edição - março/2021

S593a

Simões, Alex

Assim na terra como no selfie / Alex Simões.

1ª Ed. - Salvador: Boto-cor-de-rosa livros, arte e café / paraLeLo13S, 2021.

72 p.

ISBN 978-65-992335-9-3

I. Poesia brasileira.

I. Título.

CDD - 869.1

Boto-cor-de-rosa livros, arte & café / paraLeLo13S

livrariabotocorderosa@gmail.com

www.livrariabotocorderosa.com

assim na terra como no selfie

alex simões

1ª edição

salvador

boto-cor-de-rosa livros, arte & café /

paraLeLo13S

2021

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

assim na terra como no selfie

alex simões

1ª edição

salvador

boto-cor-de-rosa livros, arte & café

2021

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

a Edgard Oliva e suas luas cheias de luz

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

Sumário

poesia para quem	12
44	13
o albatroz brasileiro	14
não há mal	15
QU4DR1LH4	16
mendiga trans	17
daqui da torre	18
47	19
patchuli	20
modéstia	22
45	23
tapetum lucidum	28
SONETO DE ISOLAMENTO SOCIAL	26
a mulher de Lot é um artista	27
volver	28
haikiu	29
o que resta de uma casa	30
sessão de poesia para a tropa	32

In:___desejado	34
um fóssil pinaúna	36
série de quatro	38
traquitanas	42
um poema para Oxóssi	44
haikai não cai	52
meus olhos debruçaram sobre a vida	53
aquela a esperar	54
A EDUCAÇÃO PELA PEDRADA	56
assim na terra como no selfie	57
43	58
no ferry	59
cama de gato	60
ora pro nobis	61
o amor ao mar em meio à pandemia	64
aja o que ou ver	65
Posfácio - João Bandeira	66
Sobre o autor	69

poesia

para quem

precisa

de coisas sem precisão

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

no pai que nunca tive e assim que ele se foi
no dia em que morreu, enfim lhe dei um abraço,
beije seu rosto e o perdoei e a mim também
e o entendi, como no texto de bell hooks
sobre o amor, pensei que ela também não teve
e não parou ali: pensou e escreveu.
e mal se passa uma semana e a minha mãe
que também é sua mãe e também minha avó
entrou em coma e nunca mais saiu da cama,
voltou do coma e já não é a mesma, ou quase,
salvo quando olha bem no fundo a minha criança.
por conta de seu estado foram quatro meses
sem que pudéssemos sequer nos abraçar.
e hoje eu sei: minha vida é um baile entre seus braços.

o albatroz brasileiro*

para Paquito

um albatroz-de-sobrancelha-negra é o mais brasileiro albatroz porque é tão malandro, a ponto de ganhar a alcunha por meandros tais, que coloca em xeque se irracionais são eles ou se somos nós. senão, vejamos: ele plana o litoral de Sul ao Sudeste, mas jamais pousa no solo do Brasil, este belo animal alado e baudelairiano. talvez por precaução à fama de trollagem que dão aos brasileiros em outras paisagens, o pássaro sambou na rixa com a Argentina. ganhou fama de ser o Albatroz do Brasil de onde só se vê riscando o céu de anil, mas só relaxa e pousa nas Ilhas Malvinas.

* <http://glo.bo/37W9er7>

não há mal
nenhum em desejar
o mal a quem
mal desejou
e o já realizou
o mal a quem
se mal lhe fez
foi tão somente
o de encarnar o mal
não por ser mal
nem por fazer mal a ninguém
exceto àquele mal fazer por ser ninguém
mal sabendo este o que o mal é

QU4DR1LH4

João marcava Teresa que enviava a Raimundo num direct pra Maria que zapeava Joaquim que tuitava pra Lili que não dava match com ninguém. Raimundo foi cancelado, Maria compartilha fake news, Joaquim e Lili estão em isolamento social, marcando nas publicações e enviando pro zap de J. Pinto Fernandes que não tinha visualizado o Stories.

mendiga trans

para Sabrina

apesar de tudo,
sorria muito
e até cantava.

desde que lhe furaram um olho
numa noite em que dormia
sonhando que dublava Maria Callas,
sorri menos.

mas deu a volta por cima:

casou-se com outro mendigo,
mais jovem e bonito,
e vivem no Campo Grande,
um cuidando do outro.

para comemorar as bodas de papelão,
deu luzes no cabelo
e arrasou.

daqui da torre

vendo tudo daqui, da torre,
me parece um tanto agoniado
sair por aí, se esbarrando
em gente que não tem mesura
do abismo em que todos estamos

isso posto, devo dizer,
evidentemente nos casos,
o meu e o seu, em que podemos
viver e ver de nossas torres
que se estamos encastelados

não é numa *turris ebúrnea*
indiferentes aos fatos,
é como assim dizer: vertigem
que mesmo estando bem do alto
saber bem muito bem ao chão

mais uma vez o sol apareceu.
eu, que nasci às dez horas da noite,
sei bem de tatear e atravessar o túnel
até chegar a luz que me anuncia,
em forma de cegueira temporária,
que logo outro túnel há de vir,
vivendo neste eterno entra-e-sai
do mito da caverna redivivo.
se eu fico dando voltas, é que a vida
é feita de volutas pros que ficam
com as vistas treinadas pra enxergá-las:
não só os ornamentos sob a luz,
como também as espirais que indicam
que estar vivo é poder sempre perder-se

patchuli

para Ivana Chastinet, in memoriam

entre um espasmo e outro
o respiro
não de alívio, não
um sussurro esconde
as palavras rasgando as paredes do quarto

ouço:
a voz que sai é mais grave
que o murmúrio que entra

aqui paz ou guerra ou luta
não fazem nenhum sentido

mas há recusa à dor
e à providência divina

entre imóvel e calado aceno:
o tempo gritando lá fora,
você ouviu?

não o farfalhar das favas secas de andu
nem o ronronar dos gatos

no jardim são os passos arrastados dela

você só deseja um tempo
para
pensar

enquanto ela não chega
eu entendo que tudo o que posso fazer
é estar aqui
e já não digo nada
e respiro
e não penso.

uma agonia
esse saber-se
murchando.

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

modéstia,
aparte o que me cabe
neste latifúndio.
dê-me um canto qualquer
do tamanho do mundo,
nem que seja este
canto
mudo,
mundo
meu.

no meio do meio de que caminho
não sei. só sei que me desencaminho
cada vez mais e melhor. entre perdido
e bem desencontrado, descarto mapas
em meio aos achados e perdidos
dos quês e quens do tempo que visitam
– ora suaves, ora turbulentos –
a cabeça e o coração oca e cheio
respectivamente independente-
mente do caos sangrento lá fora
aqui me encontro aqui me desencontro
aqui e só aqui eu sei que existo.
eu sei? que sei eu? agora não é
tarde nem cedo: é tudo o que tenho.

tapetum lucidum

nem queria dizer, mas vou, meu cu
não é problema seu, mas qual o quê,
meu pau não é da sua conta, mas
você quer se meter, quem é você

que vem se intrometer? minha xoxota,
meus pentelhos, meu útero, a quem
eu devo confiar as minhas contas,
minha mastectomia, minhas crenças,

minhas descrenças, minhas preferências
estéticas, meu histórico do Google,
meu nome social, minha posição
seja de ideias, seja sexual,

a orientação, a identificação
de gênero, minha não binariedade,
minha filiação a tal partido,
meu anarquismo, meu salvo conduto,

minha lista de compras, minha conta,
o que aprendi na escola, o que ensinei,
a cor da minha pele, meus cabelos,
o nome de batismo, a apostasia,

minhas metamorfoses, minhas dúvidas,
meus medos, meu lugar de fala ou falha
meu calcanhar de Aquiles, minhas pregas,
meus filhos no museu, meus outros eus.

não queria dizer, mas quem são eles,
não fôssemos às vezes nós fazendo
as vezes deles sem nos entendermos?
as nossas diferenças são iguais,

maiores ou menores do que as deles?
nossas pedras jogadas contra nós
e mais as pedras deles enquanto eles
nos catapultam, nossos estilingues

bem sabem sermos peças de um xadrez.
não esquecer que se eles trazem trevas
podemos nos mover na escuridão:
justo no breu é que melhor dançamos.

SONETO DE ISOLAMENTO SOCIAL

com música de Rico Dalasan

para Marina Martinelli

De tanto, meu amor, que eu entreguei ao tempo,
Pensando em me guardar ao que trouxesse o encanto,
Um boy com sua magia, um verdadeiro santo,
Que estou em quarentena só e com meu lenço

No qual enxugo lágrimas e pensamentos
Que nem sob tortura divulgarei. No entanto,
Podeis imaginar que essa coroa tanto
Me afastou dos corpos quanto incremento

Deu às fantasias que eu hei de – que se cure
Essa pandemia – realizar, que vive
Aqui dentro a ninfeta que deseja a lama

Pra se melar, depois da assepsia que tive,
De quarentena pra evitar ficar de cama
Agora, pra depois, dizer, da cama: pulem!

a mulher de Lot é um artista

a mim parecem o músico e o seu instrumento
uma condensação do que me faz a arte.
não é o que escuto ou vejo, mas a parte
que me toca é o ser no exato momento
pessoal e intransferível. não o sentimento
que emite quando toca um tema, mas o que arde,
queima mesmo, faz calo, dói e, sem alarde,
o que doeu no ensaio virou sedimento
porque não é mais um que toca o que é tocado,
são uma coisa só: ação em simbiose,
que faz sublimação do suor: vapor al'Ado
a ponto de fundi-los em inversa osmose
num gesto ensimesmado e concentrado tal,
que o movimento esculpe uma estátua de sal.

volver

voltar à casa que não foi sua
quebrar a maçaneta da entrada
espirrar com a poeira da sala

tropear no imenso corredor
assustar-se com a imagem no espelho
embaçado com as mágoas dos dias

dar a corda ao relógio de pé
e nas teias de aranha de um quarto
envolver-se e perder-se em memórias

sugeridas por vultos que já
não são vistos por olhos descrentes
não são minhas nem suas lembranças

nem a casa por que atravessa
só deseja: o permanecer
mientras que no se quede parado.

haikiu

por viadas dúvidas
escrevo, incerto,
sobre rinhãs tortas

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

o que resta de uma casa

os domingos eram tristes
mas que bom que eram domingos.
Martinho
Benito
e feijão na panela.

a noite não de silêncios:
roncos
apneias
e o medo insone de perder você.

uma vez um incêndio
no quarto de santo
de Iansã-Santa Bárbara
outro dia uma festa pra ela
o piso cedeu
tanta gente
e o susto menor que a festa

todo dia era gente
passando
bebendo
dormindo
jogando
rindo
gritando
chorando

2 mil quiabos cortados
3 longas noites seguidas
nunca noites bem dormidas.

da casa restaram os santos
o menino ateu zelando
e o medo de perder você.

sessão de poesia para a tropa*

a Gilberto Natalini

eu era muito jovem e escrevia
poesia e as minhas poesias... tinha
poesias românticas, de protesto
contra o regime. eu era um poeta
razoável. depois eu desisti.
escrevia poemas que cobravam
dos generais, dos coronéis e tal...
escrevia sobre a libertação
do Brasil, sobre a liberdade, sobre
a tal democracia... até que um dia
ele me pegou, que dia foi, não
lembro... me despiu, me colocou
em pé sobre uma poça d'água, o fio
desencapado e atado em meu corpo
foi ligado por ele, que chamou
pessoalmente a tropa, a sua turma:
torturadores, uns soldados que
tomavam conta ali, eis a plateia,
a quem supostamente eu deveria
fazer declamação de poesia.

* <https://bit.ly/2WUaOnb>

uma sessão de poesia para a tropa
na qual eu declamasse o que escrevia
contra o regime para os que a favor
me escutassem. e ficou lá por horas
com uma vara na mão que eu não lembro
exatamente o que era: um cipó,
alguma coisa com que me batia,
ele mesmo, pessoalmente, ali,
enquanto coordenava os outros a dar
choque, o fio desencapado e atado
no corpo do que era então poeta
recebendo telefones que não
aparelhos de comunicação,
mas muitos tapas dados com as mãos
sobre os ouvidos em posição côncava
numa sessão de poesia e eletrochoque
em que não declamava, mas ouvia
zumbidos de tortura e as risadas
que hoje só escuto parcialmente.
uma democracia por um fio
desencapado e atado em um corpo
que já não mais escreve poesia,
porém ouve os zumbidos da tortura.

In: __desejado

nas estradas que percorro
aprendi olhar nos olhos
manco mestiço mefisto

eu olho

fora do meu próprio umbigo
dentro do seu coração
digo o que quero não peço

perdão

digo de cor o que sente
sei das palavras um tudo
mesmo daquelas que servem

de escudo

quem trouxe a chave e a clave
fica comigo esta noite
quem perde o dia já ganha

açote

inda que chegue em farrapos
e não queira receber
a minha imagem desmonta

você

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

um fóssil pinaúna não
é belo por não ter espinhos.
pelo contrário, sua beleza

reside justamente no
fato de um dia ter sido
ente espinhoso e peçonhento,

chamado echinos ou ouriço,
deslocando-se por meio de
pés ambulacrários retrácteis

em busca de algas, detritos
e pequenos invertebrados.
não um fóssil pinaúna

– corpo globoso e disciforme –,
a carapaça sem espinhos,
mas um indício de que houve

ali um modo de existir,
portanto, de resistir,
toda existência resistência,

beleza da resiliência,
sendo aquilo que nos fascina
não só o agora suave ao tato

como também o que outrora
nos disse belo em seu mover-se
tal qual é belo o seu fixar-se

– lembro as hastes pretas movendo-se
depois pontos pretos nos pés
doloridos da então criança –

sobre difíceis superfícies,
ludibriando o predador,
ou qualquer coisa que o valha.

lição da pedra que machuca
porque a beleza do difícil
é não mostrar-se no que mostra.

um fóssil pinaúna não,
um modo de dizer-se vivo
porque toda beleza fere.

série de quatro

I

nel mezzo del cammin
sua bunda balançando
no meio do caminho.

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

II

sua bunda balançando enquanto anda
depois que se despede da conversa
sobre literatura teatro e música
sua bunda balançando enquanto anda
queria ser um gay bem comportado,
e não machista, respeitoso ao fato
de você não ser gay, mas qual o quê?
sua bunda balançando enquanto anda
desperta em mim vontades primitivas
tal qual fosse um viado das cavernas.
você sempre querido e eloquente,
sempre rindo do meu duplo sentido,
lindo de frente, mas nada é mais belo:
sua bunda balançando enquanto anda

III

Que importa a Bahia, a baía de Todos os Santos, o pôr do sol
atrás da Ilha de Itaparica?

– [Enquanto aplaudem], o que eu vejo é sua bunda balançando.

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

IV

há
uma
crise
no
mundo,
dizem,
uma
guerra
internacional
iminente.
entretanto,
para
minha
egoica
alegria,
sua
bunda
balança,
indiferente.

traquitanas

veja bem por onde anda:

há objetos espalhados por todos os cômodos
de modo desordenado e indecentemente perigoso.
são restos de notícias que escuto todos os dias
e leio e vejo também.

não consigo pôr ordem na casa
porque não há nenhum sentido em pôr ordem,
menos ainda em progresso.

o que me dá aflição não é o terror
que vem de cima,
mas o silêncio pontual quando podia um grito
dizer o nosso desespero,
mas não.

há tanto barulho todo o tempo,
os decibéis explodindo nossos tímpanos
porque eles não querem escutar
o próprio silêncio que aquiesce
com o horror autoritário que medra em nossas esquinas.
o caos não é meu,
é nosso.
ao sair, cuidado ao atravessar a própria garganta.
vai que uma traquitana derrubada enquanto
lia um jornal lhe faz cair e gritar:

quero
ser
quem
sou.

um poema para Oxóssi

a Augusto Soledade,
a partir da lenda yoruba recolhida por Pierre Verger

certa feita, o Rei de Ifê,
vulgo Olofin Odudua,
como era de costume
fez a festa dos inhames,
proibindo que seu povo
comesse desse alimento
antes da celebração
mais esperada do ano.

não que fosse um rei cruel.
essa tal interdição
se fazia necessária,
garantindo que a colheita
fosse próspera e seu povo
tivesse acesso ao alimento
importante para o reino
que hoje fica na Nigéria.

e eis que chega o grande dia:
Olofin estava sentado,
vestido pra ocasião,
cercado de suas mulheres
– um rei podia ter muitas –
e também de seus ministros
cujos conselhos valiam
tanto quanto uns bons inhames,

como fazia calor,
que atraía muitas moscas,
os escravos de Olofin
– um rei podia ter muitos –
ao mesmo tempo o abanavam
e espantavam as tais malditas
de modo que o rei tivesse
o conforto merecido

e pudesse apreciar
toda a beleza da festa,
tudo feito em seu louvor:
os tambores que tocavam,
os cantos que entoavam,
os incensos que queimavam,
as mulheres que bailavam,
homens dançavam também.

todo mundo reunido,
conversando alegremente,
focando e paquerando,
festejando a vida farta,
comendo os novos inhames,
bebendo vinho da palma,
uma bebida africana,
até não mais aguentar.

só que um fato muito estranho,
antes nunca acontecido
em nenhum reino de África
se abateu sobre essa festa.
de repente escureceu
quando ainda era dia
e quando olharam pro céu
todos ficaram espantados

um pássaro gigantesco
sobrevoando Ifé
resolveu, assim, do nada,
pousar bem exatamente
sobre o teto do palácio
justo no prédio central
onde ficava o pátio
em que a tal festa ocorria.

acontece que o abutre
lá não estava por acaso
ele obedecia às ordens
das terríveis feiticeiras
as *Iyámi Osòròngà*,
donas de todos os pássaros
que usavam ao bel prazer
pra fazer suas maldades.

logo que caiu a ficha
de onde veio a maldição,
mais ainda apavorado
o povo de Ifé ficou.
o conselho de ministros
logo se reuniu com o rei
para resolver de pronto
a terrível situação.

matutaram, matutaram
e lembraram dos “odé”
– em iorubá, “caçador” –
que também são os “oxó”
– “guarda”, em língua iorubá,
já que o caçador tem armas
e a destreza para usá-las,
deles vinha a solução.

foi então que convocaram
o temível Oxotogun,
caçador das vinte flechas,
oriundo de Idô,
que chegou paramentado
com uma bela vestimenta,
seu grande arco e suas flechas
miradas ao alvo em vão

mas alguém lembrou que tinha
outro odé mais temeroso.
foram buscar em Moré
o bravo Oxotogí,
o das quarenta flechadas
atiradas para nada.
nem de raspão uma delas
atingiu o grande pássaro.

a terceira tentativa
veio lá de Ilarê:
o das cinquenta flechadas
chamado Oxotadotá.
igual aos anteriores,
chegou se achando o tal,
tirou onda e prometeu
o que não logrou cumprir.

o problema é que uma caça
não depende tão somente
de destreza e habilidade
de um nobre caçador.
tem de pedir proteção,
saber a quem de direito,
que comidas, que palavras
entoar e oferecer.

foi quando Oxotokanxoxô,
o de uma flechada só,
veio acudir Ifê
ao tempo que sua mãe,
lá na vila de Iremã,
pediu a um babalaô
que protegesse seu filho
e que o mal não lhe abatesse.

na consulta ele lhe disse:
“o seu filho está a um passo
da morte ou da riqueza,
faça uma oferenda e a morte
há de se tornar riqueza”.
ela pegou uma galinha
e a ofertou em sacrificio
às terríveis feiticeiras.

fez a oferta na estrada,
abrindo o peito do bicho.
com o respeito à natureza
e às ordens do Orun,
ela repetiu três vezes
o que o sábio lhe ensinou:
pois “que o peito do pássaro
receba esta oferenda”.

e foi que na mesma hora
que ela despachava o ebó,
seu filho lançava a flecha,
a sua flechada só.
e eis que o pássaro gigante
abre o peito pra oferenda
feita pela mãe do Odé,
de modo que relaxou

e, ao invés da oferenda,
recebeu, de peito aberto,
de Oxotokanxoxô,
a sua flechada certa,
se debatendo de um lado,
caindo pesadamente,
fazendo a terra tremer
e logo depois morrendo.

foi assim que o odé oxó
aclamado pelo povo
foi chamado popular,
que é o que quer dizer seu nome:
“Caçador é popular”
Oxóssi, okê arô,
caçador que é Rei de Kêtu,
viva Oxotokanxoxô!

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

haikai não cai

de agora em diante
só me levem para o alto
e além e avante

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

meus olhos debruçaram sobre a vida
a sede de saber o dom secreto,
poder vivê-la de modo completo,
e profundas mostraram-se as feridas.
meus olhos perguntaram se há vida
mais viva do que a deles a si mesmos
no espelho dos reflexos a esmo
onde as respostas nunca são ouvidas
de tão frias e prenes de verdade.
e, como nos instantes de saudade,
meus olhos se fecharam como os lábios,
que já não mais perguntam, pois são sábios
e sabem que as respostas não existem.
fecharam, mas as lágrimas persistem.

aquela a esperar

aquela
criança
:(
continua
em silêncio
cadê
?
pai
&
mãe
lê
gibis
romances
enciclopédias
reclama
com deus
no quintal
sobre as coisas
que não entende
por que
acontecem
desenha cidades
sobre formigueiros
brinca
de inventar
o
que existe
nunca sentiu
fome
não entende
ainda
por que outras
sentem

ao seu lado
embora
contra
todas as
expectativas
contra
todas as
estatísticas
é
hoje
mais alegre
que
aquela criança
talvez
porque
depois que
voltaram
entendeu
que nunca
seriam
o
que nunca
foram
e
que
a espera
é
o
melhor
que se tem
:)
a
esperar

A EDUCAÇÃO PELA PEDRADA

para Jorge Augusto

Porque a pedrada é pra: pegar visão;
para aprender na tora, é uma bala
à queima-roupa, um cachação verbal
(um cínico litotes, uma fala
neg-afirm-ativa, pedagogia
da dura, do chepo, não burilada,
nem bostética, a ideia reta
sem nada de caô, que vai na lata),
lição da pedrada que vai pro centro
da periferia e a tudo empala.

Outra pedrada educativa: o não,
(do centro pro gueto, bem antipática)
pra aquele que não sabe se ligar
(e talvez não adiantasse nada)
que dar pedrada na selva de pedra
é fásca no paiol da barricada.

assim na terra como no selfie

cultuamos idólatras a imagem
de nós mesmos a cada instante em todo
lugar. compartilhar não a paisagem,
mas compor a paisagem, sobremodo.
o pô do sol ao fundo, ao canto, à margem,
riso em primeiro plano, em qualquer modo.
documentar-se a si mais que a viagem,
mais parecer que ser, coisa de doido.
fotografar até cair no abismo
– quem dera fosse uma força
de expressão apenas –, o consumismo
fez sua lojinha lá no alto da força.
nosso fetiche-mor: comprar-vender-se,
não esquecer do flash até morrer-se.

tapioca e café todos os dias
cedo pela manhã antes da escrita
que precede a visita à toailete
para depois as redes, as notícias
e revisar e planejar e cozer
e irrigar as plantas e dar aulas
às vezes viajar às vezes não
esperar menos, esperar melhor
ficar horas sentado e sem angústia
fingir não ter a timidez e rir
de si cair em si consigo mesmo
saber que há, sim, pedra de gelo dentro
de outro dentro e que derrete e derrama
e rega as formas antes de dormir.

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

no ferry,
uns seguem
em direção à Ilha.
eu fico,
em um verão
da infância.

cama de gato

nas voltas
que a poesia
nos dá
nos laços
e
nos nós
nas amarras
e
nos desenlaces
nas cordas
e
nas codas

eu faço versos como quem
faz uma cama
de gato

ora pro nobis

são dias muito tristes, pesarosos,
de mortos alinhados em fileiras,
de néscios de si mesmos orgulhosos,

cavando sepulturas e trincheiras
que, abertas em fendas paralelas,
nos dão a sensação de andar à beira

entre umas e outras, nonada além delas
ou o que antes talvez fosse algum muro
pra quê? “Ora direis, ouvir estrelas”.

equilibristas somos, no escuro,
se pardos, pretos, mais ainda invisíveis,
se indígenas, pretéritos futuros.

desviar de explicações, as mais plausíveis,
para legitimar os que cerceiam
as pautas silenciadas, verossímeis,

dos corpos dissidentes que tateiam,
ou lendo braile ou se reconhecendo,
se empurrando entre si e se alardeiam

prioridade às mágoas que vão tendo
pessoais e intransferíveis e exclusivas
e inintercambiáveis, vão não sendo.

por tanto tempo tantas evasivas
usadas pra abafar as próprias dores
que a afirmação se faz por negativas,

reivindicando só falar de amores
e existir. enquanto lá, do outro lado,
lutam para expressar os seus rancores,

do desejo pelo outro aniquilado,
e chamam liberdade de expressão
o ímpeto fascista recalcado.

não é possível fazer comunhão,
exceto pra lembrar que ora pro nobis
dá tempo de roubar pro pobre o pão,

rezando a missa e a carne de pobre
sangrando as mãos de quem arranca os ossos
da terra em extrema unção urbi et orbi.

são dias muito tristes, pesarosos,
de mortos alinhados em fileiras,
de néscios de si mesmos orgulhosos.

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

o amor ao mar em meio à pandemia

para Paquito

os cacos espalhados pela via,
quando eu os vejo, perco a direção.
não sei pra que lugar me dirigia,
nem se esta rua é mão e contramão.
pra falar a verdade, nem que dia
é hoje eu teria a informação.
mal sei se vivo estou e se é sadia
a minha irrelevante condição.
só sei que o instante existe e a arritmia
é o tom de quem está vivo e ainda é são
e olha ao seu redor em suspensão
de toda e qualquer forma de alegria,
e aí peguei meu rumo na exceção:
o amor ao mar em meio à pandemia.

aja o que ou ver
hoje o que a
verá só tem
haver com
o que
não a ver
navios.
não haverá
o que houver.
ouve bem,
só há verões
porque a ver
hemos, diz
traídos
vêm
se
m
r
e
m
o
s

Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

Posfácio
João Bandeira

O que dizem as boas línguas

O que pode a poesia diante da alucinação pandêmica, sabendo ao mesmo tempo manter algum espaço ao largo do que ela põe na desordem do dia? Desde o poema que lhe dá título e bem além dele, o novo livro de Alex Simões tem o que dizer também sobre isso.

Sobretudo porque trata-se de um poeta que, a partir do seu “canto qualquer / do tamanho do mundo”, está sempre atento aos acontecimentos do entorno próximo e do distante – como se vê em seus livros anteriores ou nos escritos que ele costuma colher fotograficamente nas ruas. Mas que está igualmente ligado no mais íntimo que um poema alcança, na medida mesma em que é realizado.

E aqui começa o característico da poesia que Alex destila, articulando com habilidade as coisas de linguagem e a instabilidade daquilo que, já chegado na página, segue vivo. Uma poesia precisamente “para quem / precisa / de coisas sem precisão”, como ela se apresenta na abertura do livro,

anúncio de uma voz própria em ritmos diversos, cadenciados por formas definidas, como os sonetos de estrutura lisa, que fiam nítido o pensamento – uma especialidade desse poeta – ou escalonados em poemas onde não só o verso é livre.

Por dentro dessa voz que vai cerzindo prazer e dor, tendo à mão a agulha da ironia, ressoam as de agora (incluindo a estridência dos “néscios de si mesmos orgulhosos”), outras de outros que vêm ao presente de mais longe (a lenda yorubá recolhida por Verger e de novo recontada; o burburinho atualizado da quadrilha drummondiana) e também vozes ouvidas em alguma varanda acesa ou sombria da memória individual (no ferry, em certas casas, na barra de uma tortura). Entre meditações e flashes iluminadores, mais algumas pedradas pelo meio dos caminhos, ‘Assim na terra como no selfie’ parece procurar o leitor que – emprestando uma significativa passagem de um de seus poemas – “só deseja: o permanecer / *mientras que no se quede parado*”.

João Bandeira

Sobre o autor

Alex Simões nasceu em Salvador, Bahia, em 1973. É poeta e performer. Publicou *quarenta e uns sonetos catados* (2013), *(hai) céufies* (2014), *Contrassonetos* (2015), *trans formas são* (2018) e *no meu corpo o canto: #experimentoscomletrasurbanas* (2020), este último em coautoria com a Tanto Criações Compartilhadas. Tem poemas em antologias, coletâneas, e revistas nacionais e internacionais, com poemas traduzidos para o espanhol e o inglês. Participa de saraus, festivais literários e eventos multilinguagens na Bahia e fora dela desde os anos 90. Entre as andanças, participou como convidado do recital *Resistencia* (Havana, Cuba, 2017), deu workshop de poesia visual no Poetry Foundation (Chicago, EUA, 2018, no intercâmbio *Close to There*<Perto de Lá) e foi um dos autores estudados na disciplina *Introdução à Literatura Lusófona*, na University of Washington, em 2020. Tem um blog: <https://toobitornottoobit.blogspot.com/>

O autor foi contemplado pelo +LIVROS – fundo de incentivo para autores, editoras e livrarias independentes.

A publicação deste livro faz parte do projeto Bahia na Poesia (Boto-cor-de-rosa, livros, arte e café/Selo editorial Paralelo13S). O projeto tem apoio financeiro do Estado da Bahia através da Secretaria de Cultura do Estado da Bahia e da Fundação Pedro Calmon (Programa Aldir Blanc Bahia) via Lei Aldir Blanc, direcionada pela Secretaria Especial da Cultura do Ministério do Turismo, Governo Federal.

Apoio financeiro:



SECRETARIA
DE CULTURA

SECRETARIA ESPECIAL DA
CULTURA

MINISTÉRIO DO
TURISMO



Inscrição - Prêmio Literário Biblioteca Nacional

fonte Baskerville MT Std
papel Pólen Soft 80g/m2
mês & ano Março de 2021